**Entendendo o Feminismo Islâmico: Uma investigação sobre os desafios que obstam este movimento político-religioso transnacional**

**INTRODUÇÃO**

O presente projeto de pesquisa visa investigar os desafios e obstáculos enfrentados pelo feminismo islâmico – movimento político-religioso destituído de fronteiras. Para tanto, as análises, pontuações e conceituações de Margot Badran, historiadora estadunidense de sociedades islâmicas e especialista nos estudos de gênero, serão a bússola que orienta os rumos desta pesquisa. A princípio, devemos sublinhar que o feminismo islâmico, para a autora, é um fenômeno global que articula o discurso e a prática feministas com o paradigma religioso do Islã. Sua integralidade reside na utilização da língua inglesa como principal instrumento de comunicação, enquanto as línguas autóctones são utilizadas para as comunicações regionais e o árabe é indispensável para desempenhar as funções exegéticas.

Ao apresentar uma postura cada vez mais radical, o feminismo islâmico, segundo Badran (2009, p. 220), estaria impelido a dispor de um potencial de subversão no tocante à: a) revisão do Islã; b) composição de uma nova modernidade do século XXI nas sociedades muçulmanas; e, c) transformação do próprio feminismo. Assim, como uma das maiores manifestações da intersecção da modernidade com o Islã, o movimento organizado do feminismo nas sociedades muçulmanas teria surgido no Egito, por volta de 1920.

Observa-se, ademais, que esse feminismo egípcio tenha passado por algumas mudanças ideológicas apreendidas em cinco fases, a saber: 1) de 1920 a 1940, as feministas muçulmanas educadas conforme o sistema de ensino francês teriam constituído e importado o feminismo liberal radical; 2) de 1940 a 1950, o feminismo populista teria emergido com as feministas adeptas da corrente marxista; 3) nas duas décadas seguintes (1950-1970), o feminismo sexual, representado pela médica egípcia Nawal el Saadawi, teria ganhado espaço; 4) destaque para o feminismo ressurgente dos anos 80, após o governo de Gamal Abdel Nasser, que reprimia o movimento independente de mulheres; e, por fim, 5) o feminismo islâmico teria sido configurado, no pós-anos 90, pelo encontro entre o feminismo secular e o movimento de mulheres pela reislamização, o que envolve a observância às concepções e condutas religiosas do Islã. (LIMA, p. 8, 2013).

Vale apontar que antes dos anos 1990, o feminismo secular e o ativismo de mulheres islamitas, por um lado, já compartilhavam um terreno comum de lutas e debates ideológicos e, por outro, pleiteavam por concepções de modo de vida distintas. Com isso, de modo que as islamitas questionavam a validade e adequação do feminismo, as feministas acusavam as islamitas de ativismo conservador, reacionário e apoiador dos preceitos fundamentalistas de submissão da mulher. (LIMA, p. 8-9, 2013). Embora tais atritos tenham demarcado algumas fissuras profundas entre estes dois movimentos, estes também proporcionaram um horizonte segundo o qual se constatasse possível a construção de uma teoria islâmica de emancipação das mulheres por meio da compreensão da história do feminismo.

Fato é que para os Estados e sociedades muçulmanas, o discurso feminista foi, historicamente, localizado dentro de discursos modernistas islâmicos, democráticos e secularistas – discursos esses intercruzados, mas ainda assim com suas próprias cargas de atribuições. Por outro lado, o que está sob a rubrica de “Islamismo”, geralmente, corresponde a uma dupla forma de opressão para as mulheres muçulmanas. Vale notar, no entanto, que alguns movimentos feministas, como o egípcio, que se constituíram na década de 1920, surgiram de diálogos internos com movimentos nacionalistas patriarcais. (BADRAN, p. 49, 2001). Isto posto, foram majoritariamente as muçulmanas com orientação islâmica que contribuíram para a produção da teoria e das práticas do feminismo islâmico.

Tais contribuições, por conseguinte, são encontradas na utilização da metodologia de releitura das escrituras do Islã, embasando-se na formulação arábe de *ijtihad* (interpretação independente e racional das fontes sagradas). (LIMA, p. 9, 2013). Em suas elaborações discursivo-metodológicas, as estudiosas iranianas Ziba Mir-Hosseini e Afsaneh Najmabadeh, por exemplo, apresentam, desde o começo da década de 1990, as suas releituras feministas islâmicas do Alcorão na República Islâmica do Irã, de forma a introduzir metodologias interpretativas que abarcam abordagens tanto clássicas do Islã quanto modernas – seculares – das ciências sociais. Dessa maneira, em países onde o Alcorão funciona como constituição, essa reconfiguração da apreciação do Islã possui, por certo, implicações diretas para as práticas de cidadania. (BADRAN, p. 50, 2001).

Nessa perspectiva, uma vez que Afsaneh Najmabadeh, Ziba Mir-Hosseini e tantas outras feministas islâmicas procuram deslegitimar práticas de violência de gênero a partir de ensinamentos concedidos pelo Alcorão, é possível encontrar elementos que desmistificam a imagem comum dessas mulheres como vitimadas pelo Islã e sem capacidade de organizarem-se localmente. A imagem ainda difundida pelo Ocidente, em contrapartida, é a de que as mulheres muçulmanas – termo, inclusive, tomado como categoria sociológica homogênea – são sujeitos sem agência e livre-arbítrio. O véu islâmico, seja o *niqab*, seja o *hijab*, seja a burca são representados como grandes símbolos de opressão na edificação dessa visão orientalista. (BILGE, 2010). Todavia, algumas pesquisas já salientam que a vestimenta pode ser entendida segundo diversas conjunturas, variando entre um símbolo de afirmação da identidade islâmica, um sinal de modéstia em relação a *Allah* ou até mesmo um ato político. (VIEIRA, p. 9, 2018).

Muitas vezes, os estereótipos consolidados partem de conjecturas que não admitem a assimilação entre os Direitos Humanos e as crenças religiosas do Islã. Nessa seara, guerras são justificadas em função de projetos coloniais e neocoloniais, que são mascarados como missões civilizatórias. Grande exemplo disso foi o discurso no rádio proferido pela ex-primeira-dama dos Estados Unidos da América, Laura Bush, no dia 17 de novembro de 2001. De forma sucinta, seu discurso reforçava divisões entre os povos “civilizados” que se preocupavam com as mulheres e crianças afegãs e os “talibãs-e-terroristas” que queriam impor suas visões sobre o mundo. Além disso, seu enunciado angariava mulheres para escusar o bombardeio estadunidense e a intervenção no Afeganistão e para amparar a “Guerra ao Terrorismo”. (ABU-LUGHOD, p. 452-454, 2002).

É na utilização dos corpos femininos subalternos e na narrativa da “salvação” para justificar a guerra ao terror que as feministas ocidentais, geralmente, assumem para si o papel de porta-vozes, silenciando e desconsiderando as mulheres muçulmanas como agentes da transformação social. Assim, a instrumentalização das mulheres para se atingir objetivos, que não estão ligados às finalidades do feminismo de luta pelo direito das mulheres e fim do sistema machista e misógino, é depreendida como um recurso que serve para antagonizar as relações entre Islã e Ocidente. Dessa forma, o feminismo no Islã é pressuposto como inexistente pelo Ocidente, e o “secular” e o “religioso” são tensionados de tal maneira pelas concepções orientalistas, que acabam denegando a importância da religião na vida das mulheres muçulmanas e impossibilitando a consecução de outras formas para emancipação senão dentro dos parâmetros ocidentais. (SALEM, 2014).

Nesse sentido, é preciso elucidar que os adjetivos de secular e religioso não são usados da mesma forma pelos muçulmanos, havendo, aliás, aqueles que sentem inquietação na sua utilização. Uma vez que os termos “secular” e “religioso” são porosos, não se pode afirmar com veemência que o feminismo secular e o feminismo islâmico sejam movimentos diametralmente opostos e que nunca dialogam. Em contrapartida, também não se pode ignorar que ambos possuam suas divergências, que, inclusive, os impossibilitam de serem classificados como um só movimento.

De fato, o feminismo islâmico cumpre a função de desentrelaçar as imposições patriarcais equivocadamente imaginadas como imperativos da religião. Reitera-se que a violência contra as mulheres vai contra os ensinamentos do Islã, que pregam a igualdade entre os *insan*. Tal reiteração, entretanto, não colocará um fim ao problema das muçulmanas, mas já servirá para observar a possibilidade de construção de um ativismo de gênero articulado ao paradigma religioso muçulmano.

Na tentativa de investigar as razões para o surgimento deste discurso e prática feminista ancorada ao paradigma islâmico, por certo, deparamo-nos com os desígnios do feminismo internacional – que, em geral, se apresenta como movimento abrangente e universal – na forma como lida (ou não tem lidado) com o problema das mulheres não-ocidentais, especialmente no mundo islâmico. Na busca pela concretização das próprias demandas das mulheres muçulmanas, que foram relegadas pelo feminismo ocidental, emerge o feminismo islâmico em um esforço de dar voz a estas mulheres. As dificuldades, contudo, encontradas por este movimento político-religioso podem obstar a busca pela subversão dos sistemas de opressão e até mesmo impedir a solidariedade entre as mulheres. Precisamente nesta direção, portanto, o trabalho pretende investigar o feminismo islâmico, tendo como ponto de partida a obra *Feminism in Islam: secular and religious convergences* (2009) de Margot Badran com intuito de responder a seguinte questão: Quais são os obstáculos e desafios que o feminismo islâmico enfrenta?

**OBJETIVO GERAL**

Esta pesquisa pretende, por meio do levantamento bibliográfico de obras fundamentais ao estudo do feminismo islâmico e de uma análise mais detida da obra *Feminism in Islam: secular and religious convergences* (2009), mapear e investigar os principais desafios e obstáculos enfrentados pelo feminismo islâmico.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

1. Investigar os contornos mais elementares do feminismo islâmico.
   1. Para realizar este objetivo, serão analisados os capítulos 1, 3, 6 e 8 da obra *Feminism in Islam: secular and religious convergences* (2009) de Margot Badran e a obra *Engaging Islamic Feminism: Provincializing Feminism as a Master Narrative* (2008) de Asma Barlas.
2. Mapear quais são os principais problemas enfrentados pela teoria do feminismo islâmico.
   1. Para tal, se fará necessário a análise do texto *The quest for gender justice Emerging feminist voices in Islam* (2004) de Ziba Mir-Hosseini. Também serão utilizados aqui os capítulos 9, 10 e 13 que compõem o livro *Feminism in Islam: secular and religious convergences*.

**METODOLOGIA**

A metodologia empregada nesta pesquisa consiste em uma análise teórico-bibliográfica, tomando como pilar de sustentação a obra *Feminism in Islam: secular and religious convergences* (2009) de Margot Badran. A partir do levantamento teórico, busca-se compreender os contornos elementares do feminismo islâmico, bem como mapear seus desafios e obstáculos. Ademais, serão utilizados como material de pesquisa tanto os trabalhos indicados nas referências bibliográficas quanto outros posteriormente acrescentados no decorrer da pesquisa.

**CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO**

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **Etapas de desenvolvimento do projeto** | **Primeiro quadrimestre** | **Segundo quadrimestre** | **Terceiro quadrimestre** |
| **Levantamento bibliográfico** | X |  |  |
| **Leitura da bibliografia e apontamentos** | X | X |  |
| **Relatório parcial** |  | X |  |
| **Mapeamento dos principais obstáculos enfrentados pelo feminismo islâmica** |  |  | X |
| **Relatório final** |  |  | X |
| **Reuniões de orientação** | X | X | X |

**REFERÊNCIAS**

ABU-LUGHOD, Lila. “Do Muslim Women Really Need Saving? Anthropological Reflections on Cultural Relativism and Its Others.” **American Anthropologist**, v. 104, n. 3, 2002, pp. 783–790. *JSTOR*. Disponível em: <www.jstor.org/stable/3567256>. Acesso em: 16 nov. 2021.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. “Islam and the Gendered Discourses of Death.” **International Journal of Middle East Studies**, v. 25, n. 2, 1993, pp. 187–205. *JSTOR*. Disponível em: <www.jstor.org/stable/164662>. Acesso em: 13 maio 2022.

BADRAN, Margot. Between secular and Islamic feminism/s: reflections on the Middle East and beyond. **Journal of Middle East women's studies**, v. 1, n. 1, p. 6-28, 2005. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/408727/pdf>. Acesso em: 13 maio 2021.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Feminism in Islam:** secular and religious convergences. Oxford: Oneworld, 2009.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. (Re) posicionando o feminismo islâmico. **Acervo**, v. 33, n. 2, p. 69-94, 2020.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. "Understanding Islam, Islamism, and Islamic Feminism." **Journal of Women's History**, v. 13, n. 1, 2001, p. 47-52. *Project MUSE*, DOI: <10.1353/jowh.2001.0022>. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/17354>. Acesso em: 27 nov. 2021.

BAMISILE, Sunday Adetunji. A procura de uma ideologia afro-cêntrica: do feminismo ao afro-feminismo. **Via Atlântica**, n. 24, p. 257-279, 2013.

BARLAS, Asma. Engaging Islamic Feminism: Provincializing Feminism as a Master Narrative. *In:* KYNSILEHTO, Anitta (org.). **Islamic feminism: current perspectives**. Finlândia: Tampere Peace Research Institute, v. 96, p. 15-23, 2008.

BILGE, Sirma. “Beyond Subordination vs. Resistance: An Intersectional Approach to the Agency of Veiled Muslim Women”. **Journal of Intercultural Studies**, v. 31, n. 1, 2010, pp. 9-28. DOI: 10.1080/07256860903477662. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07256860903477662>. Acesso em: 13 maio 2022.

EL HAJJAMI, Aïcha. A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade. **Cadernos**

**Pagu**, p. 107-120, 2008.

FARIS, Zara. **Ottoman Women During the Advent of Western Feminism**, 2013. Disponível em: <https://muslimdebate.org/2013/08/03/ottoman-women-during-the-advent-of-western-feminism/>. Acesso em: 13 maio 2022.

FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. **Olhares femininos sobre o Islã:** etnografias, metodologias, imagens. Editora Hucitec, 2010.

GOLLEY, Nawar Al-Hassan. “Is Feminism Relevant to Arab Women?” **Third World Quarterly**, v. 25, n. 3, 2004, pp. 521–536. *JSTOR*. Disponível em: <www.jstor.org/stable/3993823>. Acesso em: 31 nov. 2021.

LIMA, Cila. Feminismo Islâmico: Uma proposta em construção. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 10, 2013. Acesso em: 16 nov. 2021.

MIR-HOSSEINI, Ziba. “Muslim Women’s Quest for Equality: Between Islamic Law and

Feminism.” **Critical Inquiry**, v. 32, n. 4, 2006, pp. 629–645. JSTOR. Acesso em: 30 nov.

2021.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. The quest for gender justice Emerging feminist voices in Islam. **Islam 21**, n. 36, maio 2004.

SALEM, Sara. Feminismo islámico, interseccionalidad y decolonialidad. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 21, 2014, pp. 111-122. ISSN: 1794-2989. Disponível em: <https://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=39633821006>. Acesso em: 30 abr. 2022.

VIEIRA, Maria Eduarda Antonino. Religião, feminismo e islã: perspectivas do feminismo islâmico. **Mandrágora**, v. 24, n. 2, 2018, p. 5-38. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v24n2p5-38>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/9034>. Acesso em: 30 nov. 2021.